

## Vozes Negras e Indígenas na Literatura Latino-Americana Contemporânea: uma questão de identidade

*Voces Negras e Indígenas en la Literatura Latinoamericana Contemporánea: una cuestión de identidad*

*Black and Indigenous Voices in Contemporary Latin American Literature: a question of identity*

Francelina Barreto de Abreu

**Resumo:** O presente artigo se propõe a tecer um olhar sobre a construção da identidade feminina negra e indígena na atual conjuntura da literatura latino-americana. O trabalho apresenta um recorte a partir da figura feminina que representa a mulher negra no poema *Me gritaron negra*, de Victória Santa Cruz, e a indígena, em *Metade cara, metade máscara* (2019), de Eliane Potiguara. A escolha destas obras visa combater o caráter histórico de exclusão e silenciamento destinado a estas mulheres na história e na literatura sul-americana. Os textos evidenciam o enfrentamento ao sofrimento causado pelo racismo reafirmando sua identidade. Esta é uma pesquisa bibliográfica, e como aporte teórico-metodológico, foram escolhidos os autores Maldonado-Torres (2007), Quijano (2005), Bosi (2002), Perrot (2007), que corroboram com este estudo.

**Palavras-chave:** Identidade. Mulher negra/indígena. Racismo. Literatura latino-americana.

**Resumen:** Este artículo tiene como objetivo mirar la construcción de la identidad femenina negra e indígena en el contexto actual de la literatura latinoamericana. La obra presenta un corte de la figura femenina que representa a la mujer negra en el poema *Me gritaron negra*, de Victória Santa Cruz, y la mujer indígena, en *Mitad rostro, mitad máscara* (2019), de Eliane Potiguara. La elección de estas obras tiene como objetivo combatir el carácter histórico de exclusión y silenciamiento destinado a estas mujeres en la historia y la literatura sudamericana. Los textos muestran el enfrentamiento del sufrimiento causado por el racismo, reafirmando su identidad. Se trata de una investigación bibliográfica y como aporte teórico y metodológico se eligieron los autores Maldonado-Torres (2007), Quijano (2005), Bosi (2002), Perrot (2007), que corroboran este estudio.

**Palabras clave:** Identidad. Mujer negra/indígena. Racismo. Literatura latinoamericana.

**Abstract:** This article aims to look at the construction of black and indigenous female identity in the current context of Latin American literature. The work presents a cut from the female figure that represents the black woman in the poem *Me gritaron negra*, by Victória Santa Cruz, and the indigenous, in *Half face, half mask* (2019), by Eliane Potiguara. The choice of these works aims to combat the historical character of exclusion and silencing destined for these women in South American history and literature. The texts show the confrontation of the suffering caused by racism, reaffirming its identity. This is a bibliographic search and the authors Maldonado-Torres (2007), Quijano (2005), Bosi (2002), Perrot (2007) were chosen as the theoretical and methodological contribution, which corroborate this study.

**Keywords:** Identity. Black/indigenous woman. Racism. Latin American literature.

## INTRODUÇÃO

Este artigo foi construído tomando como base a representação do feminino na literatura latino-americana contemporânea. Para a análise, escolhemos fazer um recorte na representação tanto da mulher negra quanto da indígena, por observar o caráter histórico de exclusão e silenciamento a que foram e são submetidas. A representante da literatura negra é Victória Santa Cruz, em seu poema *Me gritaron negra* (1960), e a indígena escolhida por sua constante luta e representação de seu povo é Eliane Potiguara, em *Metade cara, metade máscara* (2019). A escolha destas obras se deu em função da necessidade de apontarmos a relevância de estudos contemporâneos que tenham como objeto de análise a mulher negra e a indígena.

Observamos nestas narrativas uma transformação na voz discursiva, para uma breve comparação, tomamos o romance *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, publicado em 1890. Nesta obra, temos a representação feminina construída pela perspectiva masculina, o que inclui toda a carga social do período histórico representado. De acordo com Michelle Perrot (2007, p. 16), durante muitos séculos “as mulheres são imaginadas, representadas, em vez de serem descritas ou contadas. Eis aí outra razão para o silêncio e a obscuridade: a dissimetria sexual das fontes, variável e desigual”, como ocorre nesta e em muitas outras obras.

Em contrapartida, percebemos em *Me gritaron negra* (SANTA CRUZ, 1960) a própria representatividade da mulher negra que sente/vive o preconceito e passa a utilizar a poesia como ferramenta de luta contra as violências sofridas. Da mesma forma, escolhemos *Metade Cara, metade máscara* (POTIGUARA, 2019) pelas denúncias sociais apresentadas contra a mulher indígena, não somente a esta, mas a todos os povos indígenas que permanecem até os dias atuais vítimas da colonização. Mais de quinhentos anos se passaram desde que se iniciou, em nosso continente, esse processo e, como a própria autora denuncia, isso permanece.

A escolha da obra de Eliane Potiguara se deu devido às fortes críticas e denúncias que a autora tece em seu livro, apontando o descaso do governo para com a população indígena brasileira. Um exemplo do descuido para com os povos indígenas se reflete nos casos de violências praticadas contra eles. Nos últimos dias, foi noticiado o assassinato de Paulo Guajajara<sup>1</sup>, líder indígena que lutava pela defesa da Terra Indígena Arariboia, no Estado do Maranhão. Mais uma vítima dos constantes crimes cometidos contra indígenas no nosso país.

Desta forma, tanto na poesia de Victória Santa Cruz como no livro de Eliane Potiguara, percebemos uma estrita relação dos relatos com as vivências das autoras. Potiguara saiu muito cedo de suas terras e presenciou as mais diversas formas de dominação para com seus “irmãos” indígenas. Por sua vez, Victória, aos cinco anos, sofre pela primeira vez racismo, sem nem mesmo compreender o significado do termo *negra*.

Assim, ao analisarmos a poesia e o livro, nos detemos em tecer nossa observação sobre o processo de construção da identidade de mulheres negras e indígenas na América Latina contemporânea, perpassando pelo contexto sociocultural e histórico latino-americano.

### 1. Minha História das Mulheres Negras e Indígenas

Perrot, em *Minha história das mulheres* (2007), apresenta um direcionamento que nos norteia no entendimento da construção da história das mulheres ao longo do tempo. A autora deixa explícito

<sup>1</sup> Mais informações sobre o assassinato podem ser encontradas em: <https://bityli.com/0ts9e>. Acesso em 20 out. 2020.

desde as primeiras páginas a dificuldade de um relato histórico temporal feminino devido ao enorme silenciamento e exclusão a que estiveram submetidas as mulheres.

Para escrever a história, são necessárias fontes, documentos, vestígios. E isso é uma dificuldade quando se trata da história das mulheres. Sua presença é frequentemente apagada, seus vestígios, desfeitos, seus arquivos, destruídos. Há um déficit, uma falta de vestígios. (PERROT, 2007, p. 20).

Em consonância à citação, observamos que as mulheres tiveram seus rastros apagados e levaram muitos séculos para adquirirem a percepção de seu espaço como ser social de igual valor ao masculino, “[...] elas mesmas, mergulhadas em silêncios impostos e sufocadas por imagens distorcidas, por muito tempo desprezaram a importância de sua história” (PERROT, 2007, p. 10). E os fatores que contribuíram para isso são os mais variados possíveis. Nas linhas seguintes, há uma síntese do percurso histórico:

No século XVIII ainda se discutia se as mulheres eram seres humanos como os homens ou se estavam mais próximas dos animais irracionais. Elas tiveram que esperar até o final do XIX para ver reconhecido seu direito à educação e muito mais tempo para ingressar nas universidades. No século XX, descobriu-se que as mulheres têm uma história e, algum tempo depois, que podem conscientemente tentar tomá-la nas mãos, com seus movimentos e reivindicações. (PERROT, 2007, p. 11)

Assim, é perceptível que, influenciadas pelos fatores sociais, elas se abstiveram de construir sua história pelo preconceito a que estiveram submissas. No século XVIII, a visão estabelecida se aproximou da animalização, a dificuldade de falarem sobre si perdurou no século seguinte, no qual, por fim, tiveram acesso à educação. Apenas no século XX passam a tomar posse da construção do discurso feminino como meio de luta contra a desigualdade de gênero.

Ao se tratar da mulher negra e indígena, a situação torna-se um pouco mais complexa, envolve, além do fator gênero, a questão racial. Segundo Aníbal Quijano (2005, p. 117), a ideia de raça é “uma supostamente distinta estrutura biológica que situava a uns em situação natural de inferioridade em relação a outros”; explica as relações entre brancos, negros e índios e se estende para a relação de gênero. “Em outras palavras, raça e identidade racial foram estabelecidas como instrumentos de classificação social básica da população” (QUIJANO, 2005, p. 117). Ainda de acordo com o autor:

Desde então demonstrou ser o mais eficaz e durável instrumento de dominação social universal, pois dele passou a depender outro igualmente universal, no entanto mais antigo, o intersexual ou de gênero: os povos conquistados e dominados foram postos numa situação natural de inferioridade, e conseqüentemente também seus traços fenotípicos, bem como suas descobertas mentais e culturais. (QUIJANO, 2005, p. 118)

É sobre este início da colonização do território americano que o escritor colombiano William Ospina produz seu romance. A obra de Ospina, escrita em 2008, retrata o período de chegada dos colonizadores espanhóis na América. O escritor apresenta todo o cenário de destruição dos povos

indígenas, demonstrando, desde os primeiros anos da colonização, a submissão e o extermínio ao qual foram submetidos.

Na narrativa *El país de la Canela* (2008), temos a presença da indígena Amaney. A personagem é descrita em situação de total submissão ao colonizador branco. Com ele, teve um filho mestiço, a quem criou como ama de leite, sendo-lhe retirado o direito da maternidade. Silenciada, a indígena passa longos anos mantendo a farsa e, apenas depois da morte do espanhol, pai de seu filho, ela se assume como mãe do narrador, “minha mãe verdadeira era ela mesma: a índia de pele escura” (OSPINA, 2008, p. 12 tradução nossa)<sup>2</sup>.

Como se já não bastasse todo o sofrimento imposto pelo silenciamento, sofreu, ainda, com a rejeição do filho: “Toda a minha infância eu a quis como uma mãe: bastou que pretendesse ser de verdade para que a minha devoção se transformasse em algo próximo ao desprezo” (OSPINA, 2008, p. 12 tradução nossa). No relato, o filho segue expondo o fim da vida da indígena: “Amaney, minha mãe índia, minha mãe, morreu sozinha como morreu sua raça sem sequer se queixar, porque não havia no céu e na terra ninguém diante do qual pudesse se queixar, abandonada por seus deuses e rejeitada pelo seu próprio sangue” (OSPINA, 2008, p. 223)<sup>3</sup>. Terminou morrendo triste e solitária, pois havia sido tirada de sua tribo e rejeitada pelo único parente que lhe restara, o filho.

Dois pontos da citação são relevantes: o primeiro evidencia o silenciamento da indígena, ela não tem o direito de criar o menino como seu filho e suporta tudo sem dizer nada, pois deveria permanecer calada para, assim, receber o merecimento de conviver com o menino como ama de leite. O segundo externa o mesmo tema, silenciamento, aplicado a toda a sua raça. A quem ela poderia pedir ajuda? Todos estavam mortos, escravizados e retirados de seu lar, por isso permaneceu calada até o momento de sua morte.

Para Verena Stolke (2006, p. 18), em relação ao processo de colonização, os usurpadores “se apropriaram de terras indígenas, submeteram a população local a trabalhos forçados nas minas e a serviços pessoais de vários tipos, empenharam-se em colonizar suas mentes e sujeitaram mulheres indígenas a todas as maneiras de abuso sexual”. Essa visão nos aproxima das denúncias realizadas por Eliane Potiguara, atualmente.

A autora indígena expõe todo o reflexo histórico-social da conquista da América. Igualmente, critica todos os danos pela destruição e êxodo indígena. A situação não é muito diferente mais de cinco séculos depois, como denuncia Potiguara.

As mulheres indígenas também vão trabalhar como operárias mal remuneradas ou nas grandes plantações dos latifundiários, em um sistema de cativoiro, trocando seu trabalho por latas de sardinhas e nunca conseguindo pagar suas dívidas com o contratante. Outras vezes, vão morar com homens sem caráter que as transformam em objeto de cama e mesa, submetidas a agressões físicas e parindo dezenas de filhos, para viverem, miseravelmente, nas casas de palafitas da Amazônia, dentro e fora do Brasil, ou sobrevivem em favelas contaminadas moral, social, política e fisicamente. Muitas vezes, trabalham somente pelo prato miserável de comida. (POTIGUARA, 2019, p. 30)

<sup>2</sup> “mi madre verdadera era ella misma: la india de piel oscura” (OSPINA, 2008, p. 12).

<sup>3</sup> “Amaney, mi madre india, mi madre, había muerto a solas como murió su raza sin quejarse siquiera, porque no había en el cielo ni en la tierra nada ante lo cual pudiera quejarse, abandonada por sus dioses y negada por su propia sangre” (OSPINA, 2008, p. 223).

Neste sentido, percebemos que muitos anos se passaram desde o início da conquista, no entanto, as mazelas causadas à mulher indígena permanecem as mesmas. Apesar das transformações ocorridas na sociedade latina, a relação de dominação, imposição de cultura e destruição física e cultural permanece.

O mesmo acontece com os negros, desde que foram trazidos da África. Sofreram com o afastamento de suas terras, cultura e povos. Vitimados pela escravidão que se estendeu pelo discurso conquistador de dominação e dizimou inúmeras pessoas. E o fator cor da pele foi determinante, como evidencia Nelson Maldonado-Torres:

Novas identidades foram criadas no contexto da colonização europeia nas Américas: europeu, branco, índio, negro y mestiço, para nomear apenas as mais frequentes e óbvias. Uma característica deste tipo de classificação social consiste em que a relação entre sujeitos não é horizontal e sim vertical. Isto é, algumas identidades denotam superioridade sobre outras. E tal grau de superioridade se justifica em relação com os graus de humanidade atribuídos as identidades em questão. Em linhas gerais, quanto mais clara seja a pele da pessoa, mais próximo se estará de representar o ideal de uma humanidade completa. (MALDONADO-TORRES, 2007, p. 132)<sup>4</sup>

O grau de humanidade das pessoas passa a ser estabelecido pela tonalidade da pele, quanto mais clara a pele do ser humano, mais humano ele seria no período colonial. Dado interessante se considerarmos que as piores atrocidades cometidas neste continente foram praticadas por brancos. Nossa intenção não é corroborar no sentido de qual a raça é “superior”, mas deixar claro o nível de preconceito e injustiças sociais a que indígenas e negros/as estiveram sujeitos.

Sobre a relação de gênero no sistema escravocrata, Ângela Davis (1992, p. 10) afirma que “o sistema da escravatura define os escravos como bens móveis. As mulheres eram olhadas não menos que os homens, eram vistas como unidades rentáveis de trabalho, elas não tinham distinção de gênero na medida das preocupações dos donos de escravos”. Em momento algum houve um tratamento diferenciado para as escravas negras, ao contrário, a preocupação era o benefício da força de trabalho. A indígena Amaney, de pele escura, conseguiu acompanhar o crescimento do filho na condição de ama de leite, no entanto, inúmeras escravas negras foram brutalmente separadas de seus filhos, que foram vendidos a terceiros como “bens rentáveis”. Como é descrito no romance *Um defeito de cor* de Ana Maria Gonçalves. Na obra contemporânea da escritora brasileira, temos a narração de como filhos e pais negros foram separados durante o processo de compra e venda de escravos no Brasil.

Neste breve percurso, observamos a preocupação de Perrot (2007) na construção/recuperação da história das mulheres ao longo dos séculos, o que nos permitiu discutir o tratamento recebido, os espaços e as possibilidades de representação ao longo dos séculos. Seguindo com uma breve explanação da chegada da escravidão na América, na qual foram vitimados e dizimados negros/as e indígenas. A situação de escravidão, pelo viés raça, demonstrou sucintamente as mais variadas

<sup>4</sup>Nuevas identidades fueron creadas en el contexto de la colonización europea en las Américas: europeo, blanco, indio, negro y mestizo, para nombrar sólo las más frecuentes y óbvias. Un rasgo característico de este tipo de clasificación social consiste en que la relación entre sujetos no es horizontal sino vertical. Esto es, algunas identidades denotan superioridad sobre otras. Y tal grado de superioridad se justifica en relación con los grados de humanidad atribuidos a las identidades en cuestión. En términos generales, entre más clara sea la piel de uno, más cerca se estará de representar el ideal de una humanidad completa. (MALDONADO-TORRES, 2007, p. 132)

situações de violência e exploração a que estas mulheres estiveram submetidas. No tópico seguinte, adentraremos nas obras de Victória Santa Cruz e Eliane Potiguara, para observarmos a construção histórica da identidade destas mulheres na literatura latino-americana contemporânea.

## 2. Vozes Negras e Indígenas na Literatura Latino-Americana: uma questão de identidade

A proposta de demonstrar as vozes negras e indígenas nas obras contemporâneas latino-americanas se deu em função de que “a literatura atua como um elemento de transgressão ao poder da língua [...], mas também opera como uma forma de subversão às esferas do poder institucionalizado [...] por figurar como um espaço de denúncia contra a injustiça social” (BRAGA, 2009, p. 1). Propicia, dentre inúmeras outras possibilidades, que mulheres passem a se representar.

Em obras como *Iracema* (1991), de José de Alencar, por exemplo, temos a tentativa de uma representação do feminino que é benéfica no sentido de nos apresentar um caminho, uma direção. No entanto, a perspectiva e a sensibilidade mudam quando mulheres negras e indígenas utilizam a própria voz para representar a si mesmas, a seus povos, as suas dores. A crítica apresentada por quem sentiu na pele o racismo é diferente, é intensa e comovente, é um contrapor às esferas de poder, um reconhecimento de si.

Em *Iracema* (1991), temos a idealização da mulher indígena e da valorização do indianismo e nacionalismo referentes ao período romântico em vigor. A indígena é representada como a “virgem dos lábios de mel”, o caráter romantizado da narrativa aponta esta percepção. A construção da personagem pelo autor não escapa da estrutura literária clássica adquirida do conquistador.

Mesmo heroicizado romanticamente, com a marca impressa da valentia, estava sempre sob a mira do olhar determinante do colonizador. Não possuía a validade da natureza pura, pois sua valentia fora herdada da influência medieval, que o colonizador inseriu no contexto e o escritor tomou para si como baliza [...] Não foi impresso, no entanto, a figura humanizada, a exemplo das demais com as quais dividiu enredo. Foi, antes de tudo, um emblema, cerzido com as cores locais e que escondia, sob seus pontos em relevo, o constante matiz de nativo selvagem a quem o não índio deveria civilizar, impondo sua cultura. (SANTOS, 2009, p. 21)

Segundo Luzia Aparecida dos Santos (2009), o romance não consegue romper com os padrões literários colonizadores. A forma de construção da narrativa, bem como a apresentação da personagem, segue os conceitos europeus sobre a técnica de produção da obra.

Em contrapartida, em *Metade cara, metade máscara* (2019) temos uma narrativa que visa demonstrar a identidade da mulher indígena rompendo, desde o princípio da obra, com os padrões literários canônicos do herói/heroína romantizado, por apresentar um livro composto de textos e poesias.

Minha dúvida acerca desse trabalho, passa exclusivamente pela forma e NÃO PELO CONTEÚDO, pois este trabalho entremeia textos e cânticos. Alguém já me criticou dizendo, como? Textos e poesia? Mas minha poesia são choro e exaltação, são cânticos, são cantigas que ilustram os meus textos analíticos contidos nessas histórias, entende??? Eu analiso e choro, eu analiso e grito, eu

analisar e cantar. Eu berro!!! E tenho esse direito de analisar e fazer o que quiser depois... Não são poesias como a literatura formal baseadas nos conceitos que os europeus querem. Quero quebrar essa forma. (POTIGUARA, 2002, *apud* GRAÚNA, 2013, p. 182)

A forma como Eliane Potiguara constrói sua obra não a qualifica como pertencente a um determinado gênero estudado e reconhecido por compartilhar certas características. Ao contrário, como afirma em entrevista, sua literatura visa quebrar com as formas e conceitos de outrora. A identidade da mulher indígena contemporânea vem sendo apresentada desde a estrutura da narrativa.

Retomando *Iracema* (1991), temos uma personagem que se apaixona pelo invasor e, com ele, acaba tendo um filho mestiço; o desdobramento da história termina com a morte da personagem. Em *Metade cara, metade máscara* (2019), como se pode ver na descrição de Cunhantaí e Juripiranga, temos um “casal que é separado no processo de expulsão das terras e por todos os desdobramentos do colonialismo e neocolonialismo” (POTIGUARA, 2019, p. 23). Os traços de luta e sofrimento pelo choque de culturas e na luta pelas terras se assemelham em ambas as obras, o que externa personagens indígenas que lutam por seus ideais, demonstrando uma postura de combate, e não mais de silenciamento.

Ressaltamos a relevância da outra parte da narrativa de Eliane Potiguara, chamada por ela de **textos**. Nesses fragmentos, a voz indígena feminina é testemunha das injustiças sociais e todos os tipos de violência a que são submetidos atualmente os indígenas no Brasil, e, mais especificamente, a mulher indígena.

O processo de colonização e neocolonização dos povos indígenas do Brasil os conduziu ao trabalho semiescravo [...] *causou* o desmatamento, o assoreamento dos rios, a poluição ambiental e a diminuição da biodiversidade local, entre outros estragos. As invasões trouxeram as enfermidades, a fome, o empobrecimento compulsório da população indígena. E mais: as dificuldades locais levaram muitas pessoas à migração, a submissão ao trabalho semiescravo e a péssimas condições de moradias (favelas, casas de palafitas na periferia dos centros urbanos). (POTIGUARA, 2019, p. 43, grifo nosso)

A situação das famílias “desaldeadas ou desestruturadas” leva as mulheres indígenas a se tornarem vítimas de “abusos, assédio, violência sexual”; quando não se submetem a casamentos para “viverem miseravelmente nas casas de palafitas”, são destinadas a outra forma de escravidão, “é a constatação da presença delas em prostíbulos e em zonas de meretrício, onde vendem seu corpo por migalhas” (POTIGUARA, 2019, p. 31). A autora segue denunciando que o governo não consegue desenvolver políticas que atendam aos povos indígenas, evitando todos esses danos irremediáveis a eles. Ainda segundo a autora, a influência do colonizador/usurpador mudou a posição social da mulher indígena na tomada de decisões nas tribos.

[...] antes do processo de escravidão, a mulher indígena tinha o mesmo papel de decisão que os pais, maridos, irmãos. A sua palavra era a palavra final para decidir a guerra intertribal, uma decisão ou uma assembleia política. Com a chegada dos estrangeiros, a mulher passou a retaguarda e permanece até hoje servindo de mão de obra escrava, ou submetendo-se à neocolonização como objeto sexual e descartável. (POTIGUARA, 2019, p.58)

De fato, percebemos a inversão da postura da mulher na sociedade indígena, visto que, semelhante a todas as mulheres da sociedade colonizadora, elas tiveram sua voz e posição de decisão retiradas, sendo destinadas ao silenciamento. No entanto, a própria autora nos revela, por meio de sua representatividade, que a mulher indígena retoma sua voz; agora não clama apenas em sua aldeia, mas em todo o mundo. A sua voz está escrita na história e na literatura deste continente, expressando sua identidade, e, segundo a própria autora, “o papel da mulher na luta pela identidade é natural, espontâneo e indispensável” (POTIGUARA, 2019, p. 46).

Neste mesmo percurso de observação, partimos para o feminino negro, representado por Bertoleza e Rita Baiana em *O Cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo. A percepção das duas personagens é bem distinta. Bertoleza é a “crioula trintona, escrava de um velho cego” (AZEVEDO, 1997[1890], *on-line*), representando a força de trabalho.

Como sempre, era a primeira a erguer-se e a última a deitar-se; de manhã escamando peixe, à noite vendendo-o à porta, para descansar da trabalhadeira grossa das horas de sol; sempre sem domingo nem dia santo, sem tempo para cuidar de si, feia, gasta, imunda, repugnante, com o coração eternamente emprenhado de desgostos que nunca vinham à luz (AZEVEDO, 1997[1890], *on-line*).

Efetivamente, a personagem do século XIX evidencia a exploração das negras escravas. Em contrapartida, há, no romance, uma descrição diferente para Rita Baiana. A personagem é representada com destaque direcionado a seus atributos de beleza e sensualidade, conduzindo ao entendimento de que a mulher negra neste período é ilustrada pela exploração ora do trabalho, ora da sensualidade.

No século XX, em *Me gritaron negra* (1960), há uma inversão de valores. As marcas do racismo permanecem enfáticas, mas a mulher que fora silenciada em Bertoleza, ou sensualizada com Rita Baiana, é apresentada por uma perspectiva completamente diferente. No texto de Victória Santa Cruz, a voz feminina transita para o reconhecimento e valorização de sua raça. É vítima do preconceito, mas não silencia, não se limita, não tem medo de clamar. “De repente algumas vozes na rua gritaram comigo. Negra!” (SANTA CRUZ, 2013[1960], *on-line*). A surpresa inicial da personagem se dá em função de se tratar de uma menina de sete anos que não compreende o significado de ser “negra”. Mas, a partir desse momento, consegue perceber que o termo é utilizado de forma negativa.

Por acaso sou negra? – me disse  
 Sim.  
 O que é ser negra?  
 Negra!  
 Eu não sabia a triste verdade que aquilo escondia.  
 Negra!  
 E me senti negra,  
 Negra!<sup>5</sup>

Evidentemente, a personagem percebeu que ser negra era, naquela concepção gritada, algo ruim e, nesse instante, retrocedeu, se sentia rejeitada e se envergonhava por ser assim. A tentativa

<sup>5</sup> ¿Soy acaso negra? - me dije ¡Sí! ¿Qué cosa es ser negra? ¡Negra! Y yo no sabía la triste verdad que aquello escondía. ¡Negra! Y me sentí negra, ¡Negra! (SANTA CRUZ, 2013[1960], *on-line*)



de alisar os cabelos e passar maquiagem no rosto demonstram a negação de si e a tentativa de uma aceitação social. Nas linhas seguintes do poema, entretanto, percebemos a mudança temporal e, com ela, a compreensão da importância de ser negra, de se reconhecer como tal.

E vou rir daqueles,  
Que por evitar-segundo eles-  
Que para evitar algum desgosto  
Chamam os negros de gente de cor  
E de que cor!  
NEGRO  
E que lindo soa!

NEGRO  
E que ritmo tem!  
NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO  
NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO

NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO  
NEGRO NEGRO NEGRO  
Finalmente  
Finalmente compreendi

FINALMENTE  
Eu não desisto  
FINALMENTE  
Eu avanço segura

FINALMENTE  
Avanço e espero  
FINALMENTE  
E agradeço aos céus porque quis Deus  
Que negro fosse minha cor (SANTA CRUZ, 2013[1960], *on-line tradução nossa*)<sup>6</sup>.

Por fim, a personagem percebe que ser negra é motivo para se orgulhar e resistir. Para Alfredo Bosi, a resistência em “seu sentido mais profundo apela para a força da vontade que resiste a outra força, exterior ao sujeito. Resistir é opor a força própria à força alheia. O cognato próximo é in/sistir; o antônimo familiar é de/sistir” (2002, p. 118). A comprovação do ato de resistir está nas linhas finais do poema quando grita como soa lindo a palavra **negro**. Externando seu orgulho, as marcas de sua ancestralidade, as lutas históricas e a resistência que o ser negro traz consigo no sangue.

A mulher negra carrega como marca de sua identidade o orgulho de ser, de si. Livre das amarras da escravidão, conquistou, por meio de muita luta, de muito grito, o reconhecimento e o

<sup>6</sup> Y voy a reírme de aquellos, que por evitar -según ellos- que por evitarnos algún sinsabor/Llaman a los negros gente de color ¡Y de qué color! NEGRO ¡Y qué lindo suena! NEGRO ¡Y qué ritmo tiene! NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO/ NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO/ NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO/ NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO/AL fin/Al fin comprendí/AL FIN/Ya no retrocedo/AL FIN/ Y avanzo segura/AL FIN/Avanzo y espero/AL FIN/Y bendigo al cielo porque quiso Dios/ que negro azabache fuese mi color (SANTA CRUZ, 2013[1960], *on-line*)

respeito por ser o que é, negra. O preconceito ainda persiste, são batalhas diárias, mas que nunca mais serão razão para o silenciamento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, nessas poucas páginas, traçamos um breve percurso histórico, buscando demonstrar o estabelecimento da identidade das mulheres negras e indígenas, por meio de suas vozes na literatura latino-americana contemporânea. Esse instrumento a que elas se apossaram, a voz – seja poética, seja narrativa –, vem demonstrando uma transformação da representação do discurso feminino, construído a partir de si, na literatura. Como afirma Perrot (2007, p. 15), “Partiu de uma história das mulheres vítimas para chegar a uma história das mulheres ativas”. Ativas no sentido de não mais silenciar, de clamar por seus direitos, por seu espaço, por respeito e representatividade.

As denúncias apresentadas por Potiguara (2019) assustam pelos relatos de todos os tipos possíveis de violências narradas, e, ao mesmo tempo, corroboram na tentativa de transformarmos as políticas públicas de assistência aos povos indígenas, visto que, infelizmente, comprovamos as afirmativas do descaso ao acompanhar os noticiários diariamente. A própria autora é testemunha das injustiças a que são submetidas as mulheres indígenas e é uma representante que prova ser possível transformar essa realidade por meio da voz que grita contra as mazelas acometidas a seu povo.

Nos tempos atuais, é hora do desafio. Extirpar o monstro que nos mata dia a dia é dura tarefa. Primeiro se sofre calado. Há os que se acostumam com a dor, a opressão e a repressão social e política, desembocando no desequilíbrio ou na loucura. Mas há os que clamam, depois de invernos. Há os que berram! (POTIGUARA, 2019, p. 59)

A voz que retrata a violência, a intolerância, a desigualdade e as injustiças sociais sofridas pelos indígenas desde o início da colonização é a ferramenta que permitirá as transformações necessárias.

Da mesma forma, as mulheres negras, representadas pelas personagens citadas ao longo do texto, também precisam se erguer todos os dias para enfrentar o racismo e a desigualdade social, a luta por espaço no mercado de trabalho, nas universidades, no campo literário e na sociedade como um todo; não é tarefa fácil, mas ainda é o único caminho para extinguir o silenciamento e a visão deturpada que se constituiu historicamente sobre o corpo feminino negro.

A identidade da mulher negra e da indígena ganha sustentação quando elas, as autoras de suas próprias histórias, ultrapassam os limites de outrora e assumem para si a responsabilidade para falar de suas dores, seus sofrimentos e para reafirmar a força que carregam e que as caracterizam como mulheres, guerreiras e sobreviventes.

## REFERÊNCIAS

- ALENCAR, José de. *Iracema*. 24ª. edição. São Paulo: Ática, 1991.
- AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. 30 ed. São Paulo: Ática, 1997[1890]. Disponível em: <http://www.culturatura.com.br/obras/O%20Corti%C3%A7o.pdf>. Acesso em: 20 out. 2020.
- BRAGA, Elda Firmo. Literatura, poder e contra-poder. *Revista Hispanista*, n. 397, 2009.
- BOSI, Alfredo. Narrativa e resistência. In: BOSI, Alfredo. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 118-135.
- CRUZ, Victória Santa. Me gritaron negra. 1960. In: Portal Geledés. *Me gritaron negra! A poeta Victoria Santa Cruz*. 2013. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/me-gritaron-negra-a-poeta-victoria-santa-cruz/>. Acesso em: 20 out. 2020.
- DAVIS, Angela. *Mulher, raça, e classe*. 1ª ed. Grã Bretanha: The Women's Press, 1992.
- GRAÚNA, Graça. *Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil*. 2ª ed., Belo Horizonte MG: Mazza Edições, 2013.
- MALDONADO-TORRES, N. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: *El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Iesco-Pensar-Siglo del Hombre Editores, 2007. p. 127-167.
- OSPINA, William. *El país de la canela*. Bogotá, Colombia: Grupo editorial norma, 2008.
- PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. Tradução Ângela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.
- POTIGUARA, Eliane. *Metade cara, metade máscara*. Rio de Janeiro: Grumín, 3ª ed. 2019.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: QUIJANO, Aníbal. *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais*. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO. 2005. p. 117-142. Disponível em: [http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12\\_QUIJANO.pdf](http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_QUIJANO.pdf). Acesso em: 20 out. 2020.
- SANTOS, Luzia Aparecida Oliva dos. *O percurso da indianidade na literatura brasileira: matizes da figuração*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.
- STOLKE, Verena. O enigma das interseções: classe, "raça", sexo, sexualidade: a formação dos impérios transatlânticos do século XVI ao XIX. *Revista Estudos Feministas* [online]. 2006, vol.14, n.1, p.15-42.

